

Odélio Emídio Nhiuane

Missão de Santa Maria de Mocodoene: entre o colonialismo, educação e saúde: 1936-1970

RESUMO

Com enfoque para a obra missionária desenvolvida pelos Franciscanos no Distrito de Morrumbene, o presente artigo analisa o trabalho missionário e evangelizador realizado pela Igreja católica em Mocodoene, no distrito de Morrumbene. Conquanto o foco da análise esteja entre 1936 e 1960, por ser este o período a que as narrativas dizem respeito, o artigo inicia com uma abordagem histórica sobre as missões em Moçambique. Foi motivado pelo facto de persistirem algumas interrogações acerca do trabalho que a Igreja católica desenvolveu durante o seu estabelecimento em Inhambane. O trabalho foi feito a luz do método histórico e etnográfico, entrecruzado com as técnicas de entrevista semi-estruturada e a observação directa, recorrendo à revisão hermenêutica da literatura disponível. A pesquisa documental e de campo mostra que os Franciscanos contribuíram ao desenvolvimento local, através da construção de escolas, centros de saúde, institutos para o ensino da agricultura, ensino de artes e ofícios, assistência sanitária e a conversão de muitos membros da comunidade ao catolicismo.

Palavras-Chave: Catolicismo, Conversão, Transformação Social, Desenvolvimento Local.

ABSTRACT

Focusing on the missionary work carried out by the Franciscans in the Morrumbene District, this article analyses the missionary and evangelising work carried out by the Catholic Church in Mocodoene, in the Morrumbene District. Although the focus of the analysis is between 1936 and 1960, as this is the period to which the narratives relate, the article begins with a historical approach to the missions in Mozambique. It was motivated by the fact that some questions remain about the work that the Catholic Church carried out during its establishment in Inhambane. The work was carried out in the light of the historical and ethnographic method, intertwined with the techniques of semi-structured interviews and direct observation, using a hermeneutic review of the available literature. The documentary and field research shows that the Franciscans contributed to local development by building schools, health centres, institutes for teaching agriculture, arts and crafts, health care and converting many members of the community to Catholicism.

Keywords: Catholicism, Conversion, Social Transformation, Local Development

1. Introdução

Na altura em que terminei o trabalho de culminação de curso de Graduação (2021)¹, tive certeza de duas coisas. A primeira é que, as ideologias políticas e religiosas constituem as duas principais formas de concepção do mundo. Por isso, obriga-se que no estudo da religião

¹ Com o título: *A Paróquia da Maxixe: Missionação e Evangelização entre 1960 e 2020.*

seja feita uma análise prévia das relações entre sistema político e sistema religioso em cada forma social. A segunda convicção foi de que, as congregações religiosas e as elites políticas precisam se descurar das amaras coloniais e deixarem que os pesquisadores tenham acesso aos seus arquivos.

Motivado por essas percepções, surge esse trabalho que procura trazer à superfície as obras realizadas pelos católicos no Distrito de Morrumbene, na Localidade de Mocodoene. Mas também, como resposta à sugestiva metáfora do escritor nigeriano Chinua Achebe, sobre a África sub-sahariana, «também o leão deverá ter quem conte a sua história. Não só o caçador (Gentili, 1998); Chinua, faz um chamamento a que a história não seja apenas contada a partir do Norte global (vencedores), mas que o Sul (não apenas geográfico) tenha sua expressão. É preciso que estudos particulares, das pequenas localidades ou bairros sejam levadas a cabo, para que as narrativas estudadas não sejam apenas dos caçadores (que se traduzem hoje como urbes ou pequenas cidades).

A expansão portuguesa foi acompanhada por missionários católicos aos quais cabia a missão de evangelizar os povos descobertos, o que fez com que se olhasse para a Igreja Católica como o principal colaborador do Estado Português na sua obra de colonização dos povos africanos. Negar essa afirmação, não é o objectivo deste trabalho porém, descrever a sua contribuição para a construção e desenvolvimento dos próprios povos colonizados. Por acreditar não ser tudo quanto feito por esta instituição que foi nocivo.

A problemática do estudo reside no facto de ter sido constatado que, nos numerosos trabalhos feitos sobre a missionação em Moçambique, motivados por interesses individuais ou colectivos, há mais presença de aspectos políticos ignorando-se, por vezes, aquelas actividades sociais com impacto directo na vida das populações pelo facto da Igreja católica ter sido desacreditada em detrimento dos protestantes.

Com efeito, a “macro-história” das relações Igreja católica e o Estado, nos períodos colonial e pós-colonial são conhecidas, mas a “micro-história” nas localidades é pouco conhecida e pesquisada, o que se tem, são apenas inferências e pequenos trabalhos não publicados. Mesmo que, por azar, amanhã, haja um novo desentendimento entre o Estado moçambicano e as congregações religiosas em Moçambique, não seria uma razão, ao contrário, para não pesquisar sobre suas relações iniciais. Por isso, julgo ser pertinente este estudo, já que, os missionários não tinham as mesmas tácticas de actuação e muito menos a forma de ver e abordar o indígena as relações diferiam em função do espaço circunscrito.

Considerando que o tema do trabalho é a obra missionaria, importa, antes de mais, conhecer a interpretação atribuída à palavra “missão”. Na definição de Sampayo Mello, citando o governante Eduardo Ferreira da Costa (1865-1906), “missão religiosa/missão” significa uma instituição que funciona simultaneamente como igreja, escola, oficina e dispensário (Mello, 1910). O decreto n.º 233, de 22 de Novembro de 1913, determina que só é uma missão religiosa quando as valências de escola primária, escola agrícola ou profissional estão ao serviço dos africanos e não dos europeus (Banze, 2019,p, 4).

A definição ora citada, abre espaço de diálogo entre os missionários e as comunidades locais, como também de provimento das necessidades básicas do local onde é anunciado o evangelho. O trabalho foi feito a luz dos métodos histórico e etnográfico, entrecruzado com as técnicas de entrevista semi-estruturada e a observação directa.

O método histórico empregou-se muito mais na reconstrução do processo que leva a cabo a entrada dos missionarios em Mocodoene, o etnografico foi para entender se a presença missionaria não mudou de tal maneira o espectro cultural dos autoctenes. Como por exemplo, na conversao e evangelizacao que tratamento era dado aos usos e costumes das localidades.

Habitados a conversar com os mortos, os historiadores agora dialogam também com os vivos. A difusão do gravador aliado ao interesse e grande volume de pesquisas sobre o tempo presente transformaram a História oral na metodologia histórica que possivelmente mais se tenha expandido nas últimas décadas [...]².

Para preencher a lacuna que a historiografia nos oferece sobre o estudo da “micro-história” da relação das igrejas e o Estado no período colonial, principalmente nas localidades rurais como Mocodoene. A pesquisa optou pelo auxílio da pesquisa oral, claro, obedecendo todos os seus critérios, como apregoados pelos historiadores, como Jacques Le Goff. Esta técnica permitiu conversar com alguns residentes, representantes da instituição religiosa, instituições educacionais da área em estudo. As pesquisas orais foram essencialmente conversas abertas por ter tido que privilegiar indivíduos em que suas facetas de vida se entrecruzam ou se interlaçam com a história dessa Igreja.

No que diz respeito à selecção dos informantes, estabeleceu-se os seguintes critérios: Primeiro, a naturalidade, privilegiando indivíduos nascidos no Sul de Moçambique, concretamente em Inhambane, Morrumbene e Mocodoene em particular. Esta escolha visou captar informação descrita em português e em línguas locais; Segundo, indivíduos com

² Amado, Janaína (1997). A culpa nossa de cada dia: ética e História oral. In: Antonacci, M. Perelmutter, D.(Org.). *Ética e História oral*. Projecto História, nº15.p.145.

domínio relativamente à história desta igreja, por observação dos acontecimentos, por inserção no meio africano ou pelas funções exercidas no seio dos africanos e Terceiro, filhos de progenitores que foram alunos da Igreja ou que trabalharam para as igrejas ou para o Estado, tendo como finalidade recolher informação sobre a vida dentro das escolas-capelas, a forma como eles eram tratados em comparação com os filhos dos colonos e assimilados, o dia-a-dia de como era a vida na missão.

Os critérios de selecção definidos sugeriram que os informantes/entrevistados tinham de ser indivíduos de idade adulta dependendo do seu estado físico e grau de lucidez que lhes permitisse dar entrevistas.

A pura cronologia pode ser a melhor maneira de ordenar e descrever os acontecimentos, mas seria contraproducente utilizá-la ao analisar a longa duração. Por esse facto, quero advertir a circunstância de algumas partes do trabalho não obedecerem a uma sequência puramente cronológica.

A análise operacionaliza o tema em dois eixos, o primeiro eixo inicia com uma abordagem histórica sobre as missões em Moçambique no século XV. Descreve-se, na abordagem, a expansão da acção católica, realizada pelas ordens religiosas, e o lançamento da obra missionária liderada pelos Franciscanos em Morrumbene na localidade de Mocodoene. O segundo eixo, faz referência ao trabalho social e promoção do desenvolvimento local através dos missionários franciscanos na localidade em estudo.

2. História da missionação colonial em África

Castes e Miller (2003), argumentam que a missionação em África se insere no projecto da colonização europeia de África, realizada a partir do século XV como parte integrante da construção e (ou) afirmação dos Estados-Nação³, através de fluxos migratórios para a região.

O século XV não foi somente caracterizado pelos descobrimentos, como também foi a época da expansão do cristianismo em terras descrentes, o que se denominou evangelização, porém, o mesmo termo fez surgir igrejas evangélicas. Pela vergonha que a Igreja católica tinha em pronunciar o termo evangelização por esta ter dado origem aos evangélicos preferiu introduzir os termos cristianização e missionação, que foram continuidade daquilo que era

³ Sobre a construção dos Estados-nação em África, ver: P. B. Graça (2005). *A Construção da Nação em África: Ambivalência Cultural de Moçambique*. Coimbra: Almedina.

apregoado na evangelização, mas, no entanto, acresceu-se neste o elemento desenvolvimento do local para onde era levada a palavra do senhor.

Uma pequena diferença deve aqui ser situada entre os protestantes liberais e evangélicos, só para deixar clara a abordagem. "Na perspectiva teológica, a diferença entre os protestantes liberais e os protestantes evangélicos é que, enquanto os primeiros são "pós- ou amilenaristas" os últimos são pré-milenaristas. Os liberais defendem que a Bíblia deve ser lida numa perspectiva crítica, enquanto a visão dos evangélicos é que a Bíblia deve ser lida no seu contexto geral e, primeiramente, numa interpretação literal. Mourier-Genoud considera que os protestantes evangélicos não têm consideração pelas outras confissões, chegando até a hostilizar o Catolicismo e o Islão (Banze, 2019,p. 159-160) ".

A diferença que também existe entre evangelização, missionação e cristianização é que, o primeiro conceito refere-se ao verbo, a palavra, ou seja, a tão citada invocação em Mateus (28: 16-20), "...ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Não invoca nenhuma acção do ponto de vista de desenvolvimento do local onde é/ou será anunciado o evangelho, os dois últimos conceitos, recuperam a primeira acção, não obstante, acrescentam-lhe a dimensão do desenvolvimento do local, construção de escolas, hospitais, artes e ofícios no local onde os missionários iam trabalhar.

As caravanas do navegador português Vasco Da Gama, transportavam de tantos outros, os missionários, que a literatura muita vezes diverge da companhia desses missionários que viajavam nestas caravanas, se pertenciam aos dominicanos ou aos jesuítas, mas, o certo é que, foram essas viagens que em coordenação com Estados e a Igreja Católica Romana (na dita primeira expansão marítima ou viagens ibéricas), introduziram pela primeira vez o catolicismo em África, porém, não se está a dizer aqui, que não se professava nenhuma religião antes, tanto é que existia a religião tradicional africana (essas crenças locais eram consideradas animistas) e a islâmica introduzia pela influência árabe, sendo que, até século IX já tinham sido construídas algumas mesquitas na costa moçambicana por força do comércio árabe.

De forma incisiva, Lousada Banze (2019), descreve que a missionação em África encontra eco na Conferência de Berlim, em 1884-85, onde foi deliberado que o ensino para Africanos seria missionário. A industrialização da África do Sul, que atinge o pico com a descoberta do ouro, em 1886, catalisa fluxos laborais de africanos da África Austral para África

do Sul, e a aglomeração de missionários, que ganham convertidos africanos nas zonas rurais e industriais, afirmaram, assim, os alicerces da missionação na região.

Em Moçambique, a evangelização começou por um maravilhoso pórtico de entrada, com a celebração da missa do dia 11 de Março de 1498 na ilha de São Jorge que mais tarde veio a chamar-se Goa junto a ilha de Moçambique, debaixo de um arvoredor muito alto, não se sabe ao certo quem celebrou a missa. Foi esta a primeira missa, testemunho de que havia na expedição algum missionário para anunciar o Evangelho, que nas palavras de João Paulo II, “era a bagagem dos missionários e a cruz seu distintivo (Pedro, 2013; Souza & Correia, 1998).

De 1498 a 1560 multiplicam-se as acções de evangelização em Moçambique. Em Goa, o Padre Jesuíta Gonçalo da Silveira depois de ouvir falar de contactos feitos com a corte do Monomotapa e com o rei de Tongue, em Inhambane, ofereceu-se para trabalhar em Moçambique. Começaram por Tongue, capital do reino de Gamba, pelo facto de um dos filhos do rei, tendo recebido o baptismo em Moçambique, convencer o pai a pedir missionários para o seu reino. No dia 5 de Fevereiro de 1560, juntamente com os companheiros, Pe. André Fernandes e Irmão André da Costa, chegaram a Moçambique. No dia 12 partiram para Inhambane aonde chegaram, junto a um rio, no dia 4 de Abril, tendo passado por Sofala, onde estiveram 5 dias. O Padre Gonçalo encontrava-se muito doente e, por isso, ficou na praia a recompor-se. O Padre André Fernandes, no dia 6 de Abril, sábado, véspera do Domingo de Ramos, adiantou-se para Tongue, onde chegou no dia 10 de Abril e foi recebido pelo rei. No dia 27 chegou o Padre Gonçalo, levava um natural da terra, João Raposo, como intérprete. Depois de sete semanas de catequese, converteram-se o rei e a rainha e foram baptizados solenemente com mais de 400 pessoas (Souza & Correia, 1998 p.26-27).

3. Expansão missionária em Inhambane

O Acordo Missionário, estabelecido entre o Estado português e a Santa Sé, permitiu a Igreja Católica em Moçambique a expandir as instituições criadas de 1892 até 1910, e já apresentadas num quadro, circunscritas ao distrito de Lourenço Marques e incluindo a Vila de João Belo (Banze, 2009,p.195).

Helgesson (1994), descreve que a primeira Missão Católica na região de Inhambane foi “Missão de São S. José de Mongoé”, inaugurada em 1890 na localidade de Bembe, que mudou de localização em 1893 para novamente Mongoé. Durante toda a primeira década do século passado, Mongoé foi a sede da obra missionária católica na região. A partir de 1904, o trabalho era dirigido pelos Franciscanos, juntamente com outras ordens religiosas. Contudo, foi na segunda metade da década que se assistiu a um conflito entre a liderança clerical na Ilha de Moçambique⁴ e os missionários locais. Barroso, Bispo residente, defendia a localização de uma missão numa zona mais estratégica, o que o levou a querer encerrar a Missão de Mongoé, relegando-a a “estação missionária”. Tal acção implicava ter em funcionamento apenas uma escola, com um único missionário residente. Por outro lado, os vários missionários dirigentes tudo fizeram para reabilitar os edifícios e a estrutura de Mongoé, também para desenvolver as áreas da educação e trabalho. Porém, o espaço era limitado e os recursos financeiros parcos durante anos, ainda que o número de alunos tivesse quase duplicado, de 39 em 1906 a 76 em 1910 e havia já além de uma escola primária, uma escola de artes e ofícios.

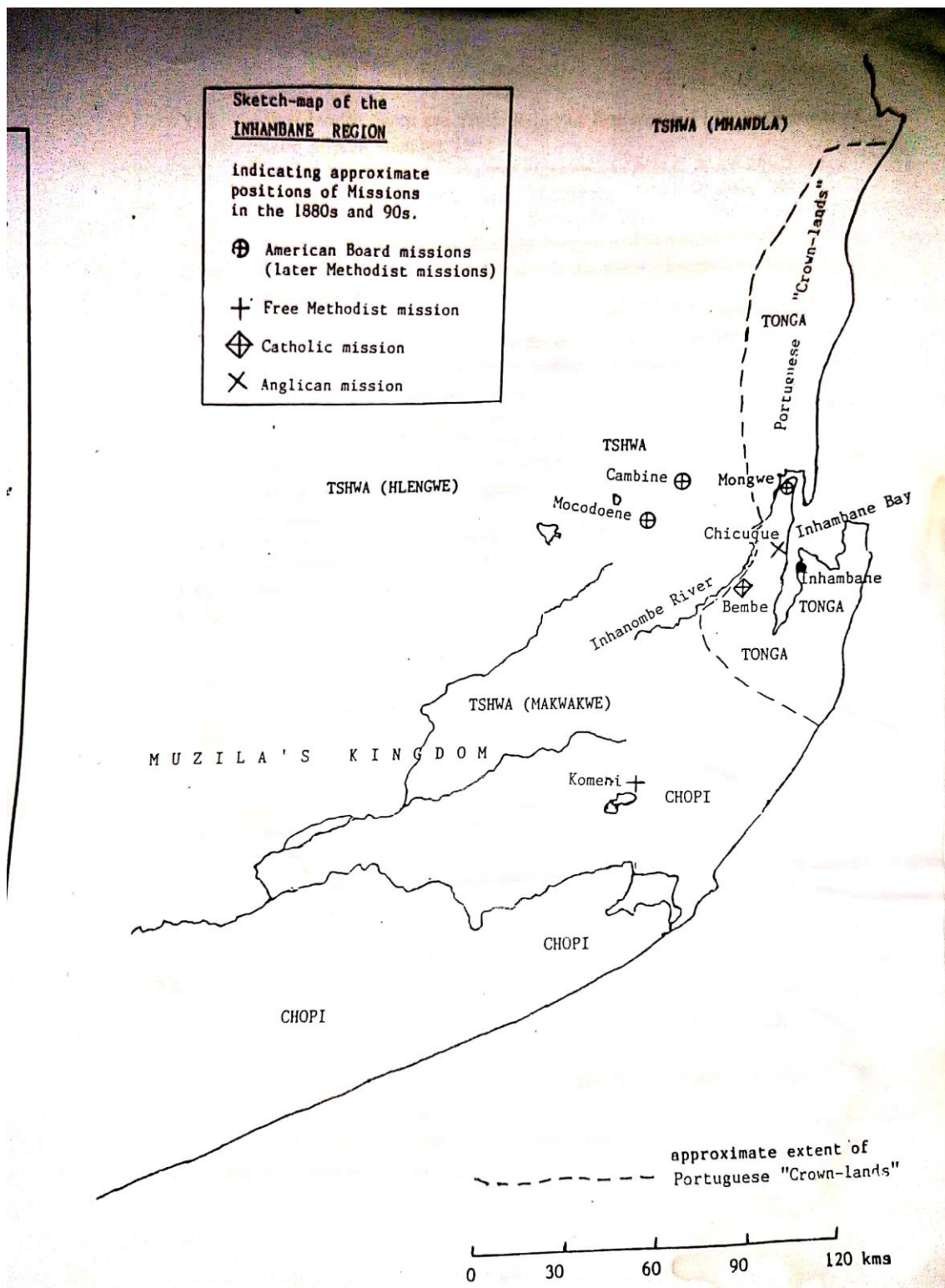
Alguns autores como Correia, 1934, Souza & Correia, 1998, Pedro, 2013, foram lacunosos nos seus estudos ao não observar que as duas missões (Bembe e Mongoé) foram instaladas no mesmo período, pelo facto deles analisarem a expansão do cristianismo na Maxixe tendo sido iniciada num ponto e expandido para o outro.

Na verdade, a comunidade de São José de Mongoé foi fundada em 1890, com sede em Bembe que tinha sido fundada também pelo Padre José Victor Coutois, de nacionalidade Francesa no mesmo ano. No dia 04 de Julho de 1893 a sede mudou-se de Bembe para Mongoé. As duas comunidades foram fundadas no mesmo período, inicialmente Bembe era a sede da Igreja Católica na Maxixe, mas, três anos mais tarde, a sede é transferida para Mongue.

Alimentando a expectativa de um futuro melhor da Missão de Mongoé os missionários continuaram o seu empreendimento através de empréstimos garantidos pelos próprios. O facto de em 1908 as contas terem encerrado com um *déficit*, levou o Bispo à conclusão de que seria necessário transferir a Missão de Mongoé para outra localidade.

Mapa1: Mapa da região de Inhambane, com estações missionárias marcadas, por volta de 1890.

⁴A sede da Prelazia foi na Ilha de Moçambique, enquanto capital do território da África oriental portuguesa.



Fonte: Helgesson, Alf (1994,p.439).

Este mapa faz crédito as actuais localidades da provincia de Inhambane em que até a data dos factos acima anunciados, os missionarios protestantes e católicos já se batiam para se fixar ou já tinham se fixado, os pontos marcados com x dentro do retangulo, referem as localidades que foram ocupados pelos missionarios católicos.

4. Estabelecimento da Missão de Santa Maria em Mocodoene pelos Franciscanos

Quando em 1942, chegou a Moçambique o novo Governador-geral (José Tristao de Bettencourt), fez-se a revisão de toda a legislação até então vigente. Assim sendo, na implantação de algumas medidas ora tomadas, a Igreja Católica vai jogar um papel de relevo. Essa, vai pressionar as populações a aceitar o trabalho nas actividades coloniais e a pagar impostos como também verificar-se-á a expropriação de terras aos camponeses e a utilização de mão-de-obra sujeita a salários baixos (Caetano, 1996 p.14). Os alunos serão forçados a trabalhar na Machamba (designação usada para fazer referencia a uma propriedade agrícola) da própria missão, onde a receita revertia a favor desta, pagando assim a educação recebida.

Foi assim que no Distrito em estudo, na década de 1930 foi fundada a missão de Santa Maria de Mocodoene a 4/03/1936 tendo como superior o padre Diamantino Maciel Rodrigues. Nesta também trabalhavam as irmãs franciscanas hospitaleiras na área de educação, catequese, saúde e responsáveis pelo centro da promoção da mulher ,ou seja, internato feminino. Existia um posto sanitário e maternidade também a cargo das irmãs, até os primeiros anos de existência da missão estavam sob tutela cerca de 22 escolas com aproximadamente 3500 alunos (Caetano, 1996 p.15).

A avidez do Estado Português, de administrar a colónia de Moçambique e transformar o povo autóctone em assimilados portugueses, levou à expansão de várias missões em todo território moçambicano. O Estado via na Igreja Católica, um instrumento que pudesse facultar a sua colonização. Nesta perspectiva, a acção evangelizadora dos Missionários prolongou-se até à fundação da missão de Santa Maria de Mocodoene, motivada, também, pela benignidade do clima ao pitoresco do local, que tornaram decisiva a evangelização em Moçambique para garantir o alcance dos objectivos do Estado português.⁵

As autoridades portuguesas, construíram aí, em tempos, alguns edifícios, onde ficou instalado um Comando Militar (dentre os muitos que se criaram após as guerras de Ngungunhana) que durou até ao ano de 1908. Do Comando Militar passou para administração civil até 1923. Tornou depois um Posto Administrativo. A seguir, o Estado estabeleceu ali uma escola laica, que mais tarde fechou aquando da extinção das escolas do mesmo género, até que finalmente se converteu em Missão Católica. Foi assim que o Reverendíssimo Padre (R.P.) Joaquim de Sousa Violante, superior de Homoine a 25km, lembrou-se de criar ali uma escola missão que contrariasse a propaganda protestante, porque naquelas bandas campeava.

⁵ Acção dos Franciscanos em Moçambique durante o ano de 1972. Arquivos missionários.

Acompanhado do R.P. António Maria de Oliveira que dirigiu-se a Inhambane a fim de tratar do assunto.

Os missionários foram recebidos com muita simpatia por Júlio Augusto Pires, supertendente geral do distrito de Inhambane, ouvida a exposição, ele se encarregou de informar ao D. Rafael, prelado de Moçambique naquela altura. Expos este por sua vez, o caso ao Governador-geral, por Despacho de 4 de Março 1936, publicado no Boletim Oficial n° 10, foi permitida a fundação da Missão⁶:

Atesta ainda Padre (Pe). Tiago Marietti⁷, que os missionários em Mocodoene foram recebidos de forma simpática e normal “os missionários foram recebidos normalmente, também porque já não era novidade para os nativos, porque já conheciam a igreja em Mongoe, Homoine e também a Metodista em Cambine” (Marietti, 2023. Cp).

Tabela 1: População habitante em Mocodoene no período de 1960

Católicos	Catecúmenos	Acólitos
10,347	594	25,325
Católicos europeus	Mistos	Africanos
35	22	10,290
Protestantes	Maometanos	Pagãos
780	90	24,455
População total	71, 936	

Fonte: Adaptado nos arquivos da missão.

O quadro refere ao número total de habitantes que residia em Mocodoene até ao periodo em que se fez esse levantamento (1960), distribuidos em católicos, protestantes, moametanos, pagãos, africanos e europeus. De frisar que nessa altura, Mocodoene era a sede da então circunscrição de Morrumbene.

A direcção das Missões Católicas Portuguesas recebeu do Governo, no dia 19 de Abril de 1936, todos os edifícios que pertenciam à Administração do Posto de Morrumbene e em 19 de Maio do mesmo ano foi solenemente inaugurada à nova Missão de Mocodoene. Os missionários ocuparam a casa que pertencia ao antigo chefe do posto, em cujas varandas serviam como salas para leccionar as primeiras aulas aos indígenas, mas estiveram aí pouco tempo. Como o antigo Administrador deixara em meio um edifício que destinara para

⁶Missões Franciscanas em Moçambique 1898-1970. Arquivos missionários

⁷Padre Tiago Marietti entrevistado no dia 12.07.2023.

residência própria, os missionários acabaram se estalando ali definitivamente. A casa do aspirante administrativo serviu de capela até 8 de Setembro, todas essas construções realizaram-se rapidamente por se tratar de um trabalho de mera adaptação. A 27 de Abril de 1939 foi nomeado superior desta Missão o R.P. Manuel Sambade, em virtude do seu antecessor ter ido para a Metrópole em gozo de licença, dedicou-se logo o novo superior à fundação e construção de escolas e cristandade pelo mato, ficando em pouco tempo, bem provida dumas e doutras.⁸

Em 1942 chegaram a missão as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, que logo ficaram instaladas num edifício previamente preparado para elas. Ao seu cargo ficou a educação e instrução feminina. Para o trabalho de enfermagem, em 1944 o P. Sambade foi nomeado capelão do hospital Miguel Bombarde, em Lourenço Marques, sucedendo-lhe como superior, o Coadjutor, R.P. José de Almeida Martins de Freitas⁹

Tabela 2: Superiores que regeram a Missão de 1936 a 1970

Ord.	Superior	Período
01	R.P. José de Magalhães (fundador)	De 30/06/1936 a 27/04/1939
02	R.P. Manuel António Sambade	De 25/04/1939 a 11/06/1940
03	R.P. José Alves da Silva (Encarregado)	De 11/06/1940 a 01/07/1941
04	R.P. Manuel António Sambade	De 11/07/1941 a 14/07/1944
05	R.P. José Almeida Martins de Freitas	De 05/09/1944 a 24/04/1948
06	R.P. António da Silva Carvalho Araújo	De 24/04/1949 a 23/04/1949
07	R.P. Virgílio Romero Vila (Encarregado)	De 23/04/1949 a 18/01/1950
08	R.P. Virgílio Romero Vila	De 18/01/1950 a 07/12/1950
09	R.P. Alberto de Moura Quintela	De 07/12/1950 a 27/01/1955
10	R.P. José Lima da Costa	De 27/01/1955 a 16/06/1959
11	R.P. Joaquim Pereira dos Santos	De 16/06/1959 a 06/11/1959
12	R.P. Manuel Gonçalves Gandarela	De 18/03/1966 a 09/12/1965
13	R.P. José de Sousa Brandão	De 06/03/1970 a 07/09/1970

Fonte: Adaptado nos arquivos da missão.

⁸Missões Franciscanas em Moçambique 1898-1970. Arquivos missionários

⁹Ação dos Franciscanos em Moçambique durante o ano de 1972. Arquivos missionários.

Pessoal missionário que esteve na Missão de Santa Maria de Mocodoene. Depois de estes terem saído, a missão foi tomada por outras denominações que não são objecto de estudo deste trabalho.

5. A Conversão dos Nativos ao catolicismo

Os nativos eram convertidos de forma pacífica, isto é, a acção era voluntária não era obrigatória, mas para conseguir isso primeiro, eles usaram uma tática, que recorda o título da obra de Simião Jaime «entreter para converter», eles construíram escolas nas comunidades, em cada escola existiam professores que ministravam aulas e a catequese no mesmo local fazendo com que os nativos se convertessem ao catolicismo e assim conseguiam ter uma relação estável com os mesmos e com as autoridades locais.

Padre Jacinto Elías, pároco da Missão de Santa Maria de Mocodoene diz que, a missão instalou-se numa localidade que existiam já indivíduos e autoridades, por isso que ela teve uma relação de harmonia, porque a igreja assim como autoridades locais tinham o mesmo objectivo, que é educar o homem comum, desta feita, dentro da igreja católica existe “conselho cristão ou comissão religiosa” que tem como o fim harmonizar o diálogo entre a igreja católica e outras igrejas cristãs assim como não cristãs e a comunidade (Elías, 2023, Cp).

Por sua vez Maria Moisés¹⁰ crente e nativa de Mocodoene considerou que:

As autoridades locais colaboraram muito na conversão dos nativos, visto que os padres não faziam o esforço de procurar alunos para a escola e catequese esse trabalho era exercido pela autoridade local, que entrava de casa em casa a procura de crianças para a escola, isso mostra que Igreja mantinha uma boa relação com as autoridades, essa ligação facilitou o trabalho da igreja na Localidade de Mocodoene[...]

A Missão de Santa Maria prosseguiu no ritmo habitual de assistência às cristandades e catequeses dispersas por toda a extensa área da Missão. Multiplicaram-se as reuniões de cristãos, sobretudo de adultos, procurou-se dar a solenidade possível às festas dos padroeiros, para o que muito contribuíram as confraternizações entre a cristandade e as frequentes sessões. Nos anos seguintes houve já um número razoável de baptismos, tendo sido escolhidos os catecúmenos que mostravam vontade e preparação adequada. Não obstante o forte proselitismo, motivado pela proximidade da forte Missão protestante de Cambine (Relatório, 1973 p.9). A transcrição dos instrumentos religiosos para as línguas locais foi a estratégia poderosa encontrada para a dilatação da fé cristã e inserção dos missionários.

¹⁰ Maria Moisés entrevistada no dia 09.07.2023.

Tabela 3: Trabalho evangelizador desenvolvido pelos missionários, desde a fundação Missão até 1972

Batizados solenes de crianças	129
Batizados solenes de adultos	334
Em perigo de morte	1
Confissões	11.780
Comunhões de preceito	2.050
Comunhões de devoção	12.130
Matrimónios	31
Santas-unções	4
Lições de Catequese	6.400
Pregações aos fiéis	54
Missas celebradas	285

Fonte: Adaptado nos dados fornecidos pelos arquivos diocesanos e paroquiais.

6. A relação entre a Igreja e o Estado no Período Colonial

As Missões Católicas tiveram que ser convertidas como parte integrante da Administração Portuguesa em Moçambique. Em parte, isso foi graças a amizade pessoal entre o Bispo Barroso e o Comissário-Régio de Moçambique António Enes. Um novo estatuto foi oficialmente confirmado pelo Ministro da Marinha e Assuntos Ultramarinos ao Bispo em 1896 instituindo com o seguinte teor:

“As Missões devem assumir o carácter de instituições nacionais, e é sempre obrigatória: a sua subordinação ao Bispo de Moçambique; o uso e ensino em língua portuguesa; hastear sempre a bandeira portuguesa no centro da Missão; a defesa dos direitos da soberania portuguesa, na sua propaganda e no exercício das suas funções missionárias; requerer toda a assistência às autoridades portuguesas, para as quais devem a sua subordinação em termos gerais” (Helgesson, apud Litsure, 2020,p.118).

A partir desta a Igreja Católica portuguesa submeteu-se ao poder secular e transformou-se num instrumento ao serviço da colonização portuguesa que seria cada vez mais aperfeiçoado para transferir o móbil da identidade do africano da etnia ainda em processo de consolidação para uma identidade nacional portuguesa bastante virtual e distante da sua vida quotidiana.

Nhiuane (2021), falando da missionação em Inhambane, analisa esse período como do uso da Igreja como ferramenta colonial. No período colonial todos padres, bispos, catequistas etc., salvo algumas exceções na altura que pode se citar o Padre Alexandre Maria dos Santos que estava em Homoine eram brancos. Tudo dependia da Europa, a Igreja não caminhava sozinha sem ajuda do exterior, o crente não era incentivado a contribuir para ajudar no crescimento da Paróquia, o crente era incentivado a pedir e conseqüentemente a depender de ajuda. A fé nessa altura era vivida de fora para dentro e não de dentro para fora.

Na mesma esteira Albino Simão¹¹ residente, crente da Missão de Santa Maria de Mocodoene e professor desde 1973 até 2012 torna valido que:

Dentro da igreja havia racismo, não havia igualdade entre o branco e o negro, a missa era dirigida por brancos e quem dava a catequese no início eram brancos, depois assimilados, a missa era a mesma, mas existiam lugares para brancos e lugares para negros, os brancos sentavam entre eles e os negros no seu canto como indivíduos inferiores, mas o culto era o mesmo já que os brancos eram poucos. A linguagem usada no início era latim, mas a partir de 1970 adotaram português (Simão, 2023 Cp).

O teólogo Jean-Marc Ela, citado por Bono (2015), acreditava que evangelizar é também fazer promoção humana, libertar os escravos da ignorância. Se Ela acreditava nisso, então, o que se fazia em Mocodoene não era evangelização sendo que, estava diametralmente oposto ao que o teólogo tinha definido, isso porque, o evangelho anunciado em Mocodoene era ocidental, como é que iria promover as sociedades em Mocodoene? Que escravos e ignorantes iriam libertar com conteúdos voltados a cultura dos outros? Em jeito de resposta arisco em afirmar que essa teologia era opressora. Nesta vertente Albino Simão sustenta que:

Com a chegada dos missionários, as práticas africanas foram abolidas (poligamia) fomos ensinados o casar na igreja com uma mulher, crentes brancos apareciam nas missas com suas esposas, isto é, até hoje a poligamia não é permitida nas igrejas, mas quem a prática a responsabilidade é totalmente pessoal, a igreja não sanciona as pessoas que praticam.

Jean-Marc Ela é muito crítico em relação à teologia ocidental e à Igreja, ao ponto de colocar em questão o valor da missa, perguntando-se se ela é sinal de salvação ou de dependência das Igrejas africanas. Critica o clericalismo ligado ao sacramento, que limita a sua celebração apenas à acção do sacerdote, que é geralmente um missionário estrangeiro e, por conseguinte, perpetua a dependência das Igrejas africanas ao estrangeiro. Este modelo clerical não foi repensado a partir da África. Operou-se uma separação entre o ministro que preside a Eucaristia e o ministro que preside a celebração da palavra, e se condenou a maioria das

¹¹ Entrevista concedida por Albino Simao no dia 13.06.2023

comunidades a não ser plenamente Igreja devido à falta da Eucaristia. Jean-Marc Ela critica igualmente a assunção do rito único romano imposto a todas as comunidades. Este rito é marcado por uma cultura estrangeira e, por via disso, a Eucaristia torna-se lugar de alienação dentro da Igreja. Por fim, critica o uso de produtos europeus na celebração eucarística, menosprezando os produtos locais (Bono, 2015,p.47-48).

A Missão de Santa Maria de Mocodoene como uma das missões católicas em Moçambique e com ligação directa com o Estado português, conseguiu levar avante as suas actividades através da construção de escolas-capela, hospital, e educação da comunidade local. Perante esta situação, neste período as relações entre as comunidades locais e a Missão eram determinadas pela evangelização e educação que, era mais favorável para os jovens do que os adultos devido ao seu carácter cultural, consumado pelos valores locais.

A educação promovida pela Missão de Santa Maria em Mocodoene no período compreendido entre 1936-1975, era característico das missões Católicas, tinha algumas limitações e destinava-se unicamente para os indígenas e continha elementos assimilacionistas.

Havia limites e havia separação, não são todos que tinham acesso a mesma Educação, a Missão tinha muitas Escolas mas só na Escola de Missão de Santa Maria (sede) é que ensinavam até quarta classe, nas restantes Escolas terminavam na terceira classe elementar. Nessa altura havia duas primeiras (1ª atrasada e 1ª adiantada) e 2 terceiras, (3ª rudimentar e elementar) e depois passava para quarta classe considerada a última para os indígenas. Os assimilados (filhos dos chefes e dirigentes) tinham acesso também a 5ª, 6ª e 1º ano de formação, só tinha acesso a bolsa de estudos, aquele que tivesse o desejo de ser padre, que depois de concluir os estudos ia servir a igreja. O ensino estava virado aos conteúdos do Ocidente (Portugal). Disciplinas leccionadas, eram Português, Matemática, Geografia, etc. Na Geografia davam matéria sobre cidades portuguesas, toda a matéria era virada a Portugal, como forma de inculcar a cultura portuguesa.

Na tónica de Newitt (1997), verificou-se no século XX, uma estreita cooperação entre a instituição católica e o regime colonial em Moçambique, e o catolicismo tornou-se, na verdade, a religião oficial do Estado na colónia, recebendo subsídios e muitos outros privilégios – incluindo o fornecimento de mão-de-obra forçada para construir a catedral de Lourenço Marques.

Não houve na Missão de Mocodoene nesse período de 1960-1965 uma separação clara entre a política colonial e a doutrina evangelizadora, tudo que a Missão fazia, tinha que responder a questões de colonização, de tal maneira que até as missas eram celebradas em latim, como forma de mostrar que o teor bíblico não era voltado ao indígena, esse simplesmente tinha o dever de ser mero receptor da cultura dos outros. A Missão deste período tinha políticas separatistas, o que fazia com que, os que lá afluíam tinham algumas pretensões, como de estudar, ocupar cargos privilegiados etc., a fé era vivida de fora para dentro.

7. Ensino como primeira estratégia para profissionalização dos africanos

A Missão de Santa Maria de Mocodoene para a profissionalização dos africanos construiu escola em cada comunidade. No dia 27 de Abril de 1939 foi nomeado Superior desta Missão o R.P. Manuel Sambabe que dedicou-se a construção de Escolas e Cristandade na localidade, que em pouco tempo, ficaram a cargo das irmãs Franciscanas hospitalleiras¹².

Tabela 4: Escolas fundadas pela Missão de Santa Maria de Mocodoene até ano 1960

Nº	Nome da Escola	Ano da fundação	Material de construção
1	Santa maria de Mocodoene(sede)	1936	Alvenaria
2	S. José de Mauéua	1939	
3	Santa Isabel de Tambajane	1939	Alvenaria
4	S. Tomé de Maimela	1939	
5	Santa Terezinha de Dindane	1939	Alvenaria
6	São Francisco de Assis de Ocucho	1939	Alvenaria
7	Cristo Rei de Boningo	1941	
8	Coração de Jesus de Chidongane	1941	
9	Santa Clara de Batapó	1942	
10	Santa Inês de Tungane	1943	
11	Missão de Marrocos de Chicunja	1946	
12	São Boaventura de Chicungussa	1946	Alvenaria
13	São Domingos de Boane	1946	Alvenaria
14	São Joaquim de Magool	1952	
15	Santo António de Murrongue	1953	
16	Santo António de Sitila	1956	Alvenaria
17	Santa Fátima de Madila	1956	

¹²Acção dos missionários franciscanos no Estado de Moçambique durante o ano de 1972

18	São Domingos de Mucambe	1956	
19	Santo António de Quatane	1956	
20	São Domingos	1960	
21	São Boaventura de Bungane	1960	

Fonte: Adaptado nos relatórios anuais que constam nos arquivos paroquiais.

As escolas acima referenciadas foram construídas pelos primeiros missionários (Franciscanos), da sua chegada até 1960. Segundo os entrevistados existe diferença entre os missionários e as ordens que passaram daquela localidade. E os projectos recentes pertencem às outras ordens religiosas diferentes da dos Franciscanos.

Segundo Relatório¹³ 1973. No que se refere ao ensino, um interesse é sempre crescente pela escola. Este entusiasmo manifesta-se mais vincadamente na sede e nas Escolas mais vizinhas da Missão, pelas populações, mais evoluídas, se aperceberem melhor dos benefícios que lhes proporciona o Ensino. Até 1960 o movimento escolar foi o seguinte:

Alunos matriculados: Rapazes, 1.432; Raparigas, 658; total 2.090

Passagens na Pré-primária: rapazes 172; raparigas 80;

Passagens na 1ª classe: rapazes 176; raparigas 55;

2ª classe: rapazes 144; raparigas 45;

3ª classe: rapazes 104; raparigas 38;

Exames-aprovações: rapazes 54; raparigas 14.

Os dados acima transcritos mostram o crescimento do número dos alunos matriculados desde 1936-1960, isto é, até primeiros anos da fundação da Missão estavam sob tutela cerca de 20 escolas com aproximadamente 3500 alunos, mas até 1960 já apresentava 2.090 alunos inscritos.

Infelizmente não se obteve alguns nomes de referência saindo dessa Missão que podem ser citados como personalidades que mais tarde converteram-se em líderes nacionalistas de referência em África. Tal como aconteceu na igreja protestante vizinha (Metodista Unida de Cambine), onde obtiveram bolsas de estudos, Eduardo Mondlane, Daniel Paulo Banze; Artur Vilanculos; Alberto Dzitimane; Nhatitima, Chavier Timóteo etc.

8. As questões de Saúde

¹³Relatório de 1973 da Missão para o Arcebispado, no Arquivo da Missão.

Quanto a questão da saúde a Missão fundou um Hospital quando da sua fundação, que devido a Guerra Civil foi destruída e no pós-guerra não foi reaberto. Antes da fundação do hospital os enfermos eram atendidos no antigo presídio, enquanto se aguardava uma resposta favorável da sua fundação, ao pedido feito em Novembro de 1968, de um subsídio para a construção de uma maternidade e Posto Sanitário, que vieram a ser construídos no ano seguinte.

Logo no início, o posto Sanitário da Missão e a sua maternidade registaram muita afluência de pacientes e parturientes. Isto se deve evidentemente, ao zelo da Irmã enfermeira que tinha sido afectada. Além disso, deslocavam-se frequentemente os missionários às povoações mais ou menos distantes, para transportar doentes, particularmente mulheres grávidas, que só a última hora se lembravam de procurar a Missão. Houve ainda deslocações, também frequentes, para solução de casos difíceis, sobretudo com parturientes que, por falta de meios adequados, urge levar ao hospital de Morrumbene e até mesmo ao de Inhambane, a procura de médico e de assistência mais eficiente.

A igreja construiu um hospital para atender os dirigentes da Missão e da comunidade, onde trabalhavam as irmãs franciscanas hospitaleiras no posto sanitário e uma parteira portuguesa na maternidade. No tempo das nacionalizações o hospital foi tomado pelo Estado e foi destruído no tempo da Guerra civil. Depois da mesma o Estado construiu um outro hospital porque o antigo já não estava em condições para ser reabilitado¹⁴.

Até 1973 o Posto Sanitário contava com 12.792 doentes tratados e 47.034 curativos feitos. A Maternidade com 8 leitos e 401 partos, o Internato Masculino, com 7 rapazes e o Internato feminino, com 19 raparigas curados (Relatório, 1973).

9. Constatações finais

É evidente que, para se puder fazer acção missionária, é mister conhecer bem o povo que se evangeliza e não é possível conhecê-lo, sem lhe conhecer a língua, já que esta é o instrumento mais apto ao conhecimento da sua alma e não é possível conhecer a palavra de Deus, se esta não for vertida na língua do povo que a escuta.

Para que assim se pudesse realizar perfeita acção missionária, muitos dos padres franciscanos não só não deixaram de aprender a língua das populações que evangelizam como nela compuseram ou verteram. Nem outra coisa poderia ser! Aliás, como poderia o indivíduo, a família e o povo, cantar ou pensar cristãmente? E como poderiam contar e orar com alma, se não entendessem a doutrina e a liturgia? O canto e a oração devem sempre vivificar e

¹⁴ Armando Cau entrevistado no dia 19.04.2023.

acompanhar a acção missionária. Desta maneira, ao mesmo tempo em que iam fazendo linguística, realizaram o mais fecundo dos apostolados. Assim nasceu a acção missionária a ciência de algumas línguas principais de Moçambique.

A Missão tem se notabilizado na busca de soluções para problemas endógenos, fora do âmbito da evangelização, houve a profissionalização dos africanos, que muitos acreditam ter valido apenas, nas artes e ofícios, na malnutrição, no ensino e cuidado de crianças órfãs.

Do que se conclui é que, a Missão de Santa Maria de Mocodoene, mesmo com as suas ambivalências contribui para a construção e desenvolvimento da comunidade local. As congregações religiosas em Moçambique, apesar dos esforços enveredados para mostrar o seu papel social, continuam a ser tratado apenas na perspectiva política (colaborador colonial), o que faz com que, as suas obras sejam colocadas fora da historicidade positiva da evolução das antigas sociedades coloniais. Essa mudança continua sendo um processo que terá que ultrapassar barreiras impostas por uma máquina estatal por enquanto impermeável. E, o Estado moçambicano ainda carece de uma fórmula capaz de integrar todos os segmentos sociais para a reescrita de uma história nacional.

De algum modo, esta não é a melhor altura para escrever uma história de Moçambique, já que as riquezas dos arquivos ainda não estão acessíveis para qualquer pesquisador, pelo medo de se desvendarem factos que colocariam em prova a história oficial. Estou apenas consciente de que o presente trabalho não faz justiça a muita dessa investigação. O certo é que muito mais se poderia ter dito a respeito dos temas aqui abordados. É para este tipo de falhas da monografia que quero ser o primeiro a chamar a atenção dos leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, Janaína (1997). *A culpa nossa de cada dia: ética e História oral*. In: Antonacci, M. Perelmutter, D.(Org.). *Ética e História oral*. Projecto História, nº15.p.145.
- BANZE, I. (2019). *O Ensino Colonial em Moçambique: As missões religiosas no sul de Moçambique como instituições de habilitação para Africanos (1911-1975)*. [Tese] Instituto Universitário de Lisboa.
- BONO, E. (2015). *Muntuísmo: A ideia de pessoa na filosofia africana contemporânea*. 2ªed. Paulinas: Maputo.
- CAETANO, A. (1996). *Morrumbene Economia Colonial, Guerra e Reconstrução*. [Dissertação]. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.

- CASTLES, S. & MARK, M. (2003). *The Age of Migration: international population movements in the modern world*. New York: Macmillan Press, 3rd edition.
- GENTILI, A.M. (1998). *O leão e o caçador*. Maputo: Arquivo Histórico da Universidade Eduardo Mondlane
- GUIDIONE, D.A. (2020). *Currículo em Acção: Ensino da Introdução a Filosofia e História (in) efectivação do plano curricular do Ensino Secundário Geral*. Lisboa: Novas Edições Académicas
- HELGESSION, A. (1994). *Church, State and People in Mozambique. An Historical study with Special Emphasis on Methodist Developments in the Inhambane Region*. Uppsala: Studia Missionaria Upsaliensia.
- LITSURE, H. (2020). *A Identidade Tsonga-Changana no Contexto da Identidade Nacional Moçambicana: Construção e Representação*. [Tese]. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- MELLO, L.V. (1910), *Questões Coloniais: política indígena*. Porto: Magalhães e Moniz.
- NEWITT, M. (1977). *História de Moçambique*. Lisboa: Publicações Europa – América
- NHIUANE, O. (2021). *A Paróquia da Maxixe: Missionaçã e Evangelizaçã entre 1960 e 2020*. [Monografia]. Maxixe: Universidade Save.
- PEDRO, E. (2013). *A Missionaçã Jesuíta em Moçambique: As Relações Com a Sociedade e com o Poder Político em Tete, 1941-2011*. [Dissertaçã]. Porto: Universidade de Porto.
- SOUSA, S.J & CORREIA, S.J. (1988). *500 Anos de Evangelizaçã em Moçambique*. Maputo: Paulinas.

* Licenciado em Ensino de História com Habilitações em Geografia pela Universidade Save (Unisave Maxixe). Professor de História no Distrito de Chicualacula, Gaza. Email. emidioniuane@gmail.com